

DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO E OS INVESTIMENTOS SOCIOAMBIENTAIS DE EMPRESAS DO SUL DO BRASIL

ECONOMIC-FINANCIAL PERFORMANCE AND SOCIO-ENVIRONMENTAL INVESTMENTS OF COMPANIES IN SOUTHERN BRAZIL

*Camila Peripolli Sanfelice*¹

*Milena Silva de Oliveira*²

*Marivane Vestena Rossato*³

*Larissa Degenhart*⁴

Resumo

A sociedade vem exigindo que organizações mantenham uma postura de responsabilidade socioambiental. A partir destas exigências estas têm se preocupado em investir em ações que minimizam o impacto negativo gerado, pois seus resultados são obtidos a partir do uso de recursos naturais, humanos e financeiros. Nesse contexto, o objetivo deste estudo consiste em analisar se o desempenho econômico-financeiro influencia os investimentos socioambientais de empresas do Sul do Brasil. A pesquisa classifica-se como descritiva, documental e quantitativa, por meio da regressão linear múltipla. O período de análise compreendeu 2014 a 2017. A amostra correspondeu as empresas listadas no *ranking* das 500 Maiores Empresas do Sul do Brasil, conforme a Revista Amanhã e que comercializam ações na B3 (Brasil, Bolsa, Balcão). Os resultados revelaram que a quantidade de funcionários e o lucro líquido influenciam os ISI. A quantidade de funcionários, tamanho, ISE e receita líquida defasada, lucro líquido e o EBITDA impactam nos ISE. Exercem influência sobre os IA, o tamanho, IA e receita líquida defasados e o lucro líquido. No geral, tais resultados revelam que as maiores empresas do Sul do Brasil, consideram seus resultados econômico-financeiros para investirem na área socioambiental, contribuindo para com os resultados da empresa e gerando benefícios também para a sociedade e meio ambiente. Esta pesquisa contribui para com a gestão das empresas, pois os resultados demonstram que por meio de ações voltadas a responsabilidade social corporativa é possível desenvolver estratégias

Manuscript first received/Recebido em: 19/02/2020

Manuscript accepted/Aprovado em: 04/09/2020

¹ Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: camilasanfelice1996@gmail.com.

² Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: smmilena.s@gmail.com.

³ Doutora em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora Associada do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: marivavest@gmail.com.

⁴ Doutora em Ciências Contábeis e Administração pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Professora Adjunta do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: lari_ipo@hotmail.com.

que contribuem para a competitividade das empresas do Sul do Brasil e o desempenho econômico-financeiro consequentemente potencializa tais ações.

Palavras-chave: Responsabilidade socioambiental. Desempenho econômico-financeiro. Região Sul do Brasil.

Abstract

Society has been demanding that organizations maintain a posture of social and environmental responsibility. From these requirements they have been concerned with investing in actions that minimize the negative impact generated, since their results are obtained from the use of natural, human and financial resources. In this context, the objective of this study is to analyze whether the economic and financial performance influences the social and environmental investments of companies in southern Brazil. The research is classified as descriptive, documentary and quantitative through multiple linear regression. The analysis period comprised 2014 to 2017. The sample corresponded to the companies listed in the ranking of the 500 Largest Companies in Southern Brazil, according to Amanhã Magazine and that sell shares in B3 (Brazil, Bag, Counter). The results revealed that the number of employees and net income influence the ISI. Number of employees, size, ISE and lagged net revenue, net income and EBITDA impact on ISE. They influence lagged AI, size, AI and net revenue, and net income. Overall, these results reveal that the largest companies in southern Brazil consider their economic and financial results to invest in the social and environmental area, contributing to the company's results and generating benefits for society and the environment. This research contributes to the management of companies, because the results show that through actions aimed at corporate social responsibility, it is possible to develop strategies that contribute to the competitiveness of companies in southern Brazil and the economic and financial performance consequently enhances such actions.

Keywords: Social and environmental responsibility. Economic and financial performance. South Region of Brazil.

1 INTRODUÇÃO

Discursões sobre questões voltadas ao crescimento econômico, social e conscientização ambiental não são consideradas recentes, principalmente, porque a combinação dessas três dimensões é essencial para a sustentabilidade corporativa. Deste modo, a importância da Responsabilidade Social Corporativa (RSC) reside na nova maneira de conduzir os negócios, compreendendo a integração voluntária de preocupações econômicas, sociais e ambientais nas ações e estratégias desenvolvidas nas organizações (HERNÁNDEZ *et al.*, 2020).

Nesse sentido, nas últimas décadas, devido a pressões institucionais, as organizações começaram a adotar estratégias que visam a proteção ambiental (VOGT *et al.*, 2017). Tais estratégias, com vistas à proteção e compensação dos impactos negativos gerados à sociedade e ao meio ambiente, podem ser materializadas por meio de investimentos socioambientais.

Os investimentos, de maneira geral, caracterizam-se por um compromisso que visa a obtenção de resultados, alinhados com estratégias e atividades de uma organização (BARBIERI; CAJAZEIRA, 2016). Para tanto, a RSC engloba os benefícios sociais internos, externos e ambientais praticados pelas

empresas nas suas atividades, ou seja, os investimentos auferidos pela empresa para com a melhoria de cada uma dessas dimensões. A dimensão das partes interessadas (benefícios sociais internos), relaciona-se com a forma como a empresa interage com os seus funcionários, fornecedores, clientes, entre outras partes internas. A dimensão social (benefícios sociais externos) está relacionada com a forma como a empresa contribui para com a sociedade, integrando seus negócios para com as preocupações sociais. A dimensão ambiental (benefícios ambientais) diz respeito a como as atividades da empresa (operações de negócios) se preocupam com o meio ambiente no qual a empresa encontra-se situada (CRISÓSTOMO *et al.*, 2011).

A RSC está associada a um conjunto de relações entre a empresa e suas diversas partes interessadas, bem como, ao meio ambiente, pois as relações firmes com os *stakeholders*, clientes e com a sociedade em geral e até mesmo os acionistas, fazem parte do escopo da RSC (CRISÓSTOMO *et al.*, 2011). Evidencia-se que há uma série de razões que motivam as empresas a investirem em responsabilidade socioambiental, pois organizações com melhor desempenho econômico-financeiro, em tese, apresentam melhores condições de realizar tais investimentos.

Alguns aspectos da RSC tem sido objeto de pesquisa, como por exemplo, a sua conceituação, divulgação e possível relação entre a RSC e o desempenho da empresa (CRISÓSTOMO *et al.*, 2011). Para tanto, houve um interesse na temática da RSC e seus efeitos sobre as empresas nas últimas décadas, visto que muitos estudos têm sido desenvolvidos para analisar os efeitos da RSC sobre diferentes aspectos organizacionais (SILA; CEK, 2017). Contudo, os resultados diante da relação entre a RSC e o desempenho da empresa são mistos, apesar de uma grande quantidade de pesquisas tanto nacionais quanto internacionais terem analisado esta relação, sendo a literatura sobre tais temáticas ainda inconclusiva (MAQBOOL; ZAMEER, 2018), o que confere uma oportunidade de pesquisa.

Alguns estudos encontraram uma relação positiva (ORLITZKY *et al.*, 2003; BEURDEN; GOSSLING, 2008; ORO *et al.*, 2013; MALLIN *et al.*, 2014; KAVESKI *et al.*, 2014; PLETSCH *et al.*, 2015; LIN *et al.*, 2019), enquanto outros constataram uma relação negativa (SMITH *et al.*, 2007; CRISÓSTOMO *et al.*, 2011). Além disso, existem diferenças entre os resultados dos estudos sobre RSC e desempenho realizados em diferentes países, o que torna difícil chegar a conclusões universais, visto que cada país possui uma cultura diferente (FORTE, 2013). No entanto, o foco da literatura empírica atual tem sido a relação entre a RSC e o desempenho financeiro corporativo (LIN *et al.*, 2019), conforme esta pesquisa.

Para tanto, a lacuna de pesquisa encontrada na literatura é a análise das maiores empresas da região Sul do Brasil, visto estas empresas não terem sido o foco de outras pesquisas já realizadas sobre o tema neste país, como é o caso do estudo de Crisóstomo *et al.* (2011). Esta pesquisa se diferencia do estudo de Crisóstomo *et al.* (2011), por focar apenas nos impactos do desempenho econômico-financeiro na RSC interna, externa e ambiental, visto que os autores analisaram os impactos tanto do desempenho econômico-financeiro, quanto do desempenho de mercado na RSC e vice-versa. Além disso, Crisóstomo *et al.* (2011) pesquisaram o período entre 2001 a 2006 e na presente pesquisa analisaram-se períodos posteriores (2014 a 2017), com vistas a identificar a divulgação de informações sócio ambientais de empresas da região Sul do Brasil e a relação entre RSC e desempenho econômico-financeiro.

Diante desse contexto, questiona-se: o desempenho econômico-financeiro de empresas do Sul do Brasil exerce influência sobre os seus investimentos socioambientais?. De acordo com o problema exposto, este estudo objetiva analisar se o desempenho econômico-financeiro influencia os investimentos socioambientais realizados pelas empresas do Sul do Brasil.

As empresas obtêm seus resultados a partir da utilização de recursos produtivos, por isso devem retribuir à sociedade e à natureza com investimentos socioambientais. Contudo, as ações de RSC ainda estão relacionadas às grandes empresas (CAMPOS *et al.*, 2015), o que justifica a análise das maiores empresas do Sul do Brasil. Optou-se por analisar empresas do *ranking* das 500 Maiores do Sul, publicado pela Revista Amanhã, pois é considerado o mais importante *ranking* regional de empresas do Sul do Brasil e juntamente com a empresa de auditoria *Pricewaterhouse Coopers*, estas empresas são classificadas neste *ranking*, e utiliza-se como critério de seleção a avaliação de indicadores financeiros (REVISTA AMANHÃ, 2018).

Justifica-se a análise dos efeitos do desempenho econômico-financeiro na RSC, pois esta relação continua a ser relevante nas pesquisas e com crescente interesse dos pesquisadores, acadêmicos, empresários, administração pública e sociedade (HERNÁNDEZ *et al.*, 2020). Ademais torna-se relevante, também, devido à crescente demanda dos consumidores por organizações comprometidas com a sociedade e com o meio ambiente, e por exigência dos investidores externos, que para decidir investir em determinada organização, além de considerar os retornos financeiros, também observam como a empresa gerencia questões sociais e ambientais (CHEN *et al.*, 2019).

O presente estudo justifica-se por complementar as pesquisas já realizadas em outros setores e por preencher lacunas existentes na análise dos relatórios de sustentabilidade de empresas do Sul do Brasil, com foco na evidencição dos investimentos sociais internos, externos e ambientais. Como contribuição teórica e empírica, esta pesquisa apresenta a análise das ações declaradas pelas empresas por meio do seu desempenho econômico-financeiro para potencializar a sua RSC. Empiricamente auxilia as grandes empresas do Sul do Brasil no aprendizado e desenvolvimento de atividades que promovam um melhor desempenho, visto os seus reflexos positivos na RSC. Além disso, os resultados contribuem de forma prática na decisão estratégica da empresa, sobre sua responsabilidade social e, para com o entendimento gerencial da importância dos investimentos em RSC.

Nesse contexto, o estudo visa contribuir com o meio empresarial uma vez que, os resultados deste estudo poderão servir de instrumento de gestão, tanto para empresas do *ranking*, divulgado pela Revista Amanhã, quanto para as demais empresas ao investirem na área socioambiental, de modo que as ações praticadas se reflitam na sociedade, compensando os recursos humanos e ambientais utilizados para o seu desenvolvimento. Ainda, o investidor interessado em organizações que se preocupam com a sociedade e o meio ambiente, de posse dos resultados deste estudo, poderão focar naquelas organizações que realizam investimentos socioambientais, sendo estas outras contribuições práticas desta pesquisa. Do mesmo modo, ao buscar evidências da influência do desempenho econômico-financeiro nos investimentos socioambientais, por meio da análise dos resultados a serem obtidos e comparação com estudos anteriores, pretende-se contribuir para a literatura.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Responsabilidade Social Corporativa

A RSC pode ser definida como a atitude positiva ou até mesmo responsável de uma empresa em relação a todas as suas partes interessadas. As empresas podem se beneficiar desse engajamento positivo com seus *stakeholders*, internos e externos, como funcionários, membros do conselho entre outros, além de melhorar o meio em que opera suas atividades (BLASI *et al.*, 2018). Afinal a RSC refere-se ao conjunto de atividades que as empresas podem realizar para melhorar seus relacionamentos com seus *stakeholders* (BLASI *et al.*, 2018). Dias (2012) ressalta que uma organização socialmente

responsável, além de desenvolver seu potencial, preocupa-se com as necessidades de seu entorno sob os aspectos social, econômico e ambiental, agregando a RSC em sua cultura organizacional e considerando que a busca por competitividade no mercado deve estar interligada à contribuição para o desenvolvimento sustentável.

A RSC divide-se em três dimensões: interna, externa e ambiental. De maneira geral, a responsabilidade social interna está relacionada aos trabalhadores da empresa. Além das obrigações trabalhistas, a empresa pode adotar ações complementares, investindo em recursos humanos, saúde, segurança e bem-estar dos trabalhadores (DIAS, 2012). Vellani (2011) argumenta que, o modo como a empresa se relaciona com seus funcionários contribui para um ambiente de trabalho saudável, através de investimentos voltados ao bem-estar dos mesmos, como programas de educação, esporte e plano de carreira. Tinoco & Kraemer (2011) enfatizam que a responsabilidade social das empresas deve contribuir para geração de emprego e renda. As organizações que investem nessa área beneficiam-se, pois à medida que estabelecem um compromisso transparente com a melhoria das condições de trabalho e com o desenvolvimento profissional dos funcionários, haverá um aumento da eficiência e lealdade (DIAS, 2012).

A responsabilidade social externa, segundo Vellani (2011) se traduz na relação que a empresa possui com a comunidade, sociedade e governo. Ocorre por meio de iniciativas, parcerias, estratégias de atuação na comunidade visando diminuir a desigualdade social e a participação em projetos públicos para contribuir com o governo. As organizações podem investir em variadas iniciativas sociais externas, como programas educacionais, ambientais, culturais, esportivos ou de assistência médica, ou até mesmo realizar doações ou patrocínios a organizações de assistência social, ou então iniciativas de voluntariado corporativo para atuar na comunidade (VELLANI, 2011; DIAS, 2012). Além de melhorar a imagem da empresa perante o público consumidor, trazem benefícios econômicos e redução de riscos, refletindo em vantagem competitiva (AZEVEDO *et al.*, 2016).

Já responsabilidade ambiental diz respeito à relação empresa e meio ambiente. Utilizar recursos naturais de maneira eficiente, controlar a emissão de resíduos e adotar tecnologias limpas são algumas ações que as empresas podem investir com vistas a se tornarem ecológicas e dessa forma preservar o ecossistema em que está inserida e prosperar em seu negócio (VELLANI, 2011). Tinoco & Kraemer (2011) argumentam que cada vez mais as empresas sentem-se obrigadas a agregar a responsabilidade socioambiental aos seus objetivos estratégicos e não visam apenas o lucro, uma vez que a continuidade da empresa afeta a sociedade. Kaveski *et al.* (2014) reforçam que a preocupação com a responsabilidade socioambiental demonstra uma postura mais ética por parte da empresa, uma vez que deixa de se preocupar unicamente com o aspecto financeiro, mas também com questões sociais, culturais e ambientais.

É nesse contexto que emerge a necessidade da discussão da RSC entendida como um fenômeno amplo, com reflexos difusos para a sociedade e indivíduo e presente nas organizações gerando debate sobre os conceitos que permeiam essa temática (CASSOL *et al.*, 2017). Deste modo, a RSC é uma filosofia que define o relacionamento empresa e partes interessadas e está cada vez mais na agenda das organizações empresariais, devido a sua capacidade de aumentar a competitividade de uma empresa (MAQBOOL; ZAMEER, 2018). Contudo, o fator contextual é imprescindível para que as empresas possam atuar de forma adequada e alinhada com os objetivos socioambientais da RSC (CASSOL *et al.*, 2017). Diante deste contexto, infere-se que os estudos sobre RSC têm sido um tema constante nos meios acadêmicos, porém, ainda não conferiu um consenso em relação ao conceito e escopo do assunto (FREGUETE *et al.*, 2015).

Deste modo, a partir da relevância de se analisar os investimentos em RSC das empresas brasileiras e dos resultados conflitantes dos efeitos do desempenho econômico-financeiro nas práticas de RSC, tornam-se importantes, dessa maneira, e justificam-se estudos que possam vir a contribuir para o avanço dos conhecimentos acerca da RSC, especialmente no que se refere ao escopo e aos reflexos junto as organizações empresariais.

2.2 Desempenho Econômico-Financeiro e a RSC

Desempenho é compreendido como o resultado mensurável alcançado por uma empresa, unidade de negócio, um departamento ou um indivíduo em um período de tempo (FREZATTI *et al.*, 2009). Frezatti *et al.* (2009) enfatizam a importância da medição periódica do desempenho. A partir das informações fornecidas pela contabilidade é possível realizar a análise do desempenho econômico-financeiro das empresas.

A avaliação do desempenho econômico-financeiro, geralmente, ocorre por meio da análise das demonstrações financeiras (BORTOLUZZI *et al.*, 2011). A técnica de análise mais utilizada é a construção de indicadores (ou índices), os quais são uma relação entre contas ou grupo de contas das demonstrações financeiras, com o intuito de demonstrar e informar os gestores da situação econômico-financeira da empresa (MATARAZZO, 2010). Assaf Neto (2015), enfatiza, que o desempenho de uma organização não pode ser analisado apenas pelo caráter financeiro, mas também pelo ambiental e social, pois os objetivos sociais não invalidam a maximização de valor de mercado.

Nesse sentido, a relação entre a RSC e o desempenho econômico-financeiro apresenta alguns argumentos controversos que, juntamente das evidências empíricas inconclusivas, motiva a busca contínua de respostas (CRISÓSTOMO *et al.*, 2011). No geral, a RSC está diretamente relacionada a sustentabilidade de longo prazo das empresas (FREGUETE *et al.*, 2015), no entanto, também tende a impactar a sustentabilidade de curto prazo, visto os seus reflexos no desempenho econômico-financeiro. Diversas são as motivações para a gestão orientada à RSC, visto que para alguns administradores, alocar recursos para fins socioambientais pode funcionar como parte da estratégia elaborada pela empresa com o intuito de alcançar vantagens competitivas e sustentabilidade para os seus empreendimentos (FREGUETE *et al.*, 2015).

Em relação ao possível efeito do desempenho econômico-financeiro na RSC das empresas, podemos considerar que a RSC pode ser motivada por um fluxo de caixa não comprometido como resultado de uma lucratividade excessiva, pois somente nessa situação seria possível uma empresa justificar seus investimentos em RSC a seus acionistas e credores, visto a forte pressão destas partes interessadas à empresa por resultados. Espera-se que a administração invista nos benefícios sociais internos, externos e ambientais a partir do momento em que exista uma forte demanda para tais atividades e uma perspectiva de retorno para a empresa (CRISÓSTOMO *et al.*, 2011).

Estudos defendem que um bom desempenho econômico-financeiro reflete uma condição de sustentabilidade da empresa (ORO *et al.*, 2013; KAVESKI *et al.*, 2014; MALLIN *et al.*, 2014; PLETSCH *et al.*, 2015; GHADERI *et al.*, 2019). Destaca-se que as medidas baseadas na contabilidade refletem a eficácia interna da empresa, que é influenciada pelo desempenho social da organização (BEURDEN; GÖSSLING, 2008), podendo ser bidirecional a relação entre o desempenho econômico-financeiro e a RSC (CRISÓSTOMO *et al.*, 2011; LIN *et al.*, 2019). No entanto, nesta pesquisa foram analisados os efeitos do desempenho econômico-financeiro na RSC das maiores empresas do Sul do Brasil.

Smith *et al.* (2007) examinaram até que ponto as divulgações ambientais nos relatórios anuais das empresas listadas na Bolsa de Valores de Kuala Lumpur (Malásia) estão associadas às características

corporativas. De todos os fatores explicativos examinados, apenas aqueles associados ao desempenho financeiro (Retorno sobre os Ativos - ROA e Retorno sobre o Patrimônio Líquido - ROE) impactaram negativamente a divulgação ambiental.

A pesquisa desenvolvida por Crisóstomo *et al.* (2011) corrobora com os achados de Smith *et al.* (2007), pois analisaram a relação entre RSC e desempenho de empresas brasileiras e os resultados revelaram que um relacionamento neutro caracteriza o efeito mútuo entre a RSC e o desempenho financeiro. Tais resultados indicaram uma relação negativa entre os indicadores ROA, ROE e a RSC interna, externa e ambiental.

O estudo de Oro *et al.* (2013) verificou a relação entre a receita líquida e os indicadores socioambientais de empresas brasileiras integrantes do índice ISE. Os resultados revelaram uma correlação positiva entre a receita líquida e os Indicadores Sociais Internos (ISI), Externos (ISE), Ambientais (IA), a Quantidade de Funcionários e a Quantidade de Funcionários com Necessidades Especiais, sendo que, quanto maior o valor da receita líquida, maior a participação em valor nesses indicadores socioambientais. Mallin *et al.* (2014) analisaram bancos islâmicos em 13 países e constataram uma associação positiva entre o desempenho financeiro (ROA e ROE) e as dimensões da RSC (investimentos internos e externos), exceto para a dimensão ambiental. A divulgação de RSC é determinada pelo desempenho financeiro.

A relação dos *rankings* formados pelos indicadores econômico-financeiros e socioambientais, das empresas distribuidoras de energia elétrica do Brasil foi analisada por Kaveski *et al.* (2014). Os resultados indicaram que as empresas ocupam posições semelhantes nos *rankings* econômico-financeiros (ROE, lucro líquido e EBITDA) e socioambientais (resultado operacional líquido, indicadores sociais internos e externos). Além disso, identificaram uma correlação positiva entre os *rankings*, apoiando a ideia de que empresas distribuidoras de energia elétrica com altos desempenhos econômico-financeiros, possuem maiores responsabilidades socioambientais.

Pletsch *et al.* (2015) analisaram a relação entre a responsabilidade social e o desempenho econômico-financeiro das empresas brasileiras listadas no índice ISE. Os resultados revelaram que o desempenho econômico-financeiro (ROA, ROE, tamanho, fluxo de caixa, liquidez geral e lucro por ação) influencia os benefícios sociais internos e externos. Os autores concluíram que, quanto maior for o desempenho, maiores serão os investimentos destinados ao público interno e externo.

O impacto da RSC no desempenho econômico de empresas australianas foi analisado por Sila & Cek (2017). Os resultados mostram que o desempenho social (investimentos externos) leva a um melhor desempenho econômico. Em menor grau, o desempenho ambiental (investimentos ambientais) também teve um efeito positivo no desempenho econômico, mas o tamanho do efeito foi menor do que o desempenho social. Ghaderi *et al.* (2019) encontraram evidências de que todos os aspectos da responsabilidade social dos hotéis do Teerã analisados têm um impacto positivo no desempenho econômico-financeiro. Portanto, as práticas de RSC proporcionam recompensas em termos de finanças, reputação, produtividade e inovação para as empresas.

Ainda relacionado ao desempenho econômico-financeiro e seus efeitos na RSC, tem-se o trabalho de Lin *et al.* (2019), que analisaram as ligações bidirecionais entre a RSC e desempenho financeiro corporativo. As principais conclusões são: melhor desempenho financeiro (ROA, ROE e ROI) das empresas leva a um melhor engajamento em RSC; e melhor RSC não necessariamente leva a um desempenho financeiro superior. Um impacto negativo foi observado na relação entre RSC e as três medidas de desempenho. Essa evidência tem consistência com a hipótese do *trade-off* (ligação bidirecional), pois

quando as empresas estão sendo “socialmente responsáveis”, tendem a experimentar riqueza minimizada dos acionistas e lucros mais baixos, o que restringe os investimentos socialmente responsáveis.

Conclui-se a partir da maioria dos estudos anteriores, que o desempenho econômico-financeiro potencializa os investimentos em RSC, contudo, tal premissa apenas pode ser confirmada com base na análise dos resultados encontrados nesta pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir do objetivo de analisar se o desempenho econômico-financeiro influencia os investimentos socioambientais de empresas do Sul do Brasil, esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, documental e quantitativa. Classifica-se como descritiva, pois se propôs a identificar e analisar quais as variáveis econômico-financeiras estão relacionadas aos investimentos socioambientais nas empresas em estudo. Esta pesquisa é documental, pois as informações referentes ao desempenho econômico-financeiro foram coletadas nas Demonstrações Financeiras Padronizadas (DFPs) e no Formulário de Referência e os dados de caráter socioambiental foram obtidos por meio dos Relatórios de Sustentabilidade. A abordagem é quantitativa, pela utilização de instrumentos estatísticos para o tratamento dos dados, como é o caso da Regressão Linear Múltipla.

A população do estudo compreendeu todas as empresas listadas no *ranking* publicado pela Revista Amanhã no ano de 2017, das 500 maiores empresas do Sul do Brasil. Já a amostra constitui-se das empresas que apresentaram todas as informações necessárias para o desenvolvimento do estudo, no caso informações sobre o desempenho econômico-financeiro e principalmente questões referentes a RSC. Dentre as 500 maiores empresas do Sul, conforme a Revista Amanhã, 41 comercializavam suas ações na B3 e apenas 10 companhias divulgaram Relatórios de Sustentabilidade com informações de caráter socioambiental, sendo estas 10 empresas consideradas a amostra do estudo. Importa esclarecer que a B3 é o novo nome para a BM&FBovespa, a Bolsa de Valores de São Paulo, única em operação no país atualmente, sendo uma associação civil sem fins lucrativos com autonomia administrativa, financeira e patrimonial.

A amostra da presente pesquisa corrobora com os argumentos apresentados por Vasconcelos & Pimentel (2018), pois os autores constataram uma falta de padrão na evidenciação dos custos e investimentos ambientais, repetição de informações e divulgação de informações superficiais nos relatórios apresentados pelas empresas a sociedade. Os autores identificaram ainda, que as empresas não divulgaram em sua totalidade as informações indicadas pela NBC T 15 (informações de natureza social e ambiental), o que pode estar relacionado com a falta de obrigatoriedade das empresas brasileiras, padronização do *disclosure* socioambiental e do posicionamento do profissional contábil, fatos estes que tem gerado dificuldades na evidenciação da RSC (VASCONCELOS; PIMENTEL, 2018).

Para tanto, as empresas analisadas foram: Centrais Elétricas de Santa Catarina – CELESC, Cia Hering, Cia de Saneamento do Paraná – SANEPAR, Companhia Paranaense de Energia – COPEL, Engie Brasil Energia S.A., Metalúrgica Gerdau S.A., Grupo Portobello, Lojas Renner S.A., Randon S.A. e Weg S.A. Ressalta-se que os Relatórios de Sustentabilidade utilizados pelas empresas do estudo compreendem o modelo GRI e o modelo IBASE.

A coleta dos dados sobre o desempenho econômico-financeiro foi realizada por meio das Demonstrações Financeiras e dos Formulários de Referência, disponíveis no *website* da B3. As informações sobre os investimentos socioambientais foram obtidas nos Relatórios de Sustentabilidade, disponíveis no *website* de cada empresa do estudo. O período de análise compreendeu os anos de 2014 a 2017. O Quadro 1 apresenta as variáveis utilizadas no estudo.

Quadro 1 - Variáveis utilizadas no estudo

		Variáveis	Mensuração	Autor/Ano
Investimentos Socioambientais (RSC)	Dependentes	Investimentos Sociais Internos (ISI)	Relatórios de Sustentabilidade	Smith <i>et al.</i> (2007); Crisóstomo <i>et al.</i> (2011); Oro <i>et al.</i> (2013); Mallin <i>et al.</i> (2014); Pletsch <i>et al.</i> (2015); Sila & Cek (2017); Lin <i>et al.</i> (2019).
		Investimentos Sociais Externos (ISE)		Smith <i>et al.</i> (2007); Crisóstomo <i>et al.</i> (2011); Oro <i>et al.</i> (2013); Mallin <i>et al.</i> (2014); Pletsch <i>et al.</i> (2015); Sila & Cek (2017); Lin <i>et al.</i> (2019).
		Investimentos Ambientais (IA)		Smith <i>et al.</i> (2007); Crisóstomo <i>et al.</i> (2011); Oro <i>et al.</i> (2013); Mallin <i>et al.</i> (2014); Pletsch <i>et al.</i> (2015); Sila & Cek (2017); Lin <i>et al.</i> (2019).
Desempenho Econômico-Financeiro	Independentes	Lucro Líquido (LL)	Lucro Líquido do período	Kaveski <i>et al.</i> (2014); Sila & Cek (2017, 2014)
		Receita Líquida (RL)	Receita Líquida do período	Oro <i>et al.</i> (2013); Kaveski <i>et al.</i> (2014).
		Variação da Receita Líquida Defasada	RL/RL(-1)	Oro <i>et al.</i> (2013).
		Investimentos Sociais Externos Defasados	ISE(-1)	Elaboração própria de variáveis para análise adicional.
		Investimentos Ambientais Defasados	IA(-1)	
		Retorno sobre o Ativo (ROA)	$\frac{LL}{AT}$	Smith <i>et al.</i> (2007); Beurden e Gössling (2008); Crisóstomo <i>et al.</i> (2011); Mallin <i>et al.</i> (2014); Pletsch <i>et al.</i> (2015); Lin <i>et al.</i> (2019).
		Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE)	$\frac{LL}{PL}$	Smith <i>et al.</i> (2007); Beurden e Gössling (2008); Crisóstomo <i>et al.</i> (2011); Braga <i>et al.</i> (2011); Mallin <i>et al.</i> (2014); Kaveski <i>et al.</i> (2014); Pletsch <i>et al.</i> (2015); Lin <i>et al.</i> (2019).
		Tamanho da Empresa (TAM)	Valor do Ativo Total	Smith <i>et al.</i> (2007); Braga <i>et al.</i> (2011); Crisóstomo <i>et al.</i> (2011); Mallin <i>et al.</i> (2014); Pletsch <i>et al.</i> (2015).
		Geração de Caixa (EBITDA)	EBITDA do período	Kaveski <i>et al.</i> (2014).
		Liquidez Geral (LG)	$\frac{AC + ARLP}{PC + PELP}$	Smith <i>et al.</i> (2007); Pletsch <i>et al.</i> (2015).
		Liquidez Corrente (LC)	$\frac{AC}{PC}$	Smith <i>et al.</i> (2007).
		Liquidez Seca (LS)	$\frac{AC - Estoques}{PC}$	Smith <i>et al.</i> (2007).
		Quantidade de Funcionários (QF)	Quantidade conforme o FR*	Smith <i>et al.</i> (2007); Oro <i>et al.</i> (2013).
		Endividamento Geral (EG)	$\frac{PT}{PL}$	Smith <i>et al.</i> (2007).

AT: ativo total; ARLP: ativo realizável a longo prazo; PT: passivo total; PC: passivo circulante; PELP: passivo exigível de longo prazo; PL: patrimônio líquido; LL: lucro líquido. *FR: Formulário de Referência.

Fonte: Elaboração própria.

Como é possível observar no Quadro 1 foi selecionada a variável receita líquida para fazer parte do modelo de regressão, contudo, a fim de avaliar se a perspectiva de crescimento das organizações influencia os investimentos socioambientais, utilizou-se a variação da receita líquida defasada como variável explicativa do modelo. Outro ponto a ser destacado é a utilização da variável dependente defasada como variável explicativa com a finalidade de captar se investir em ações socioambientais em anos anteriores está sendo considerado na decisão de continuar investindo.

Com relação à composição das variáveis dependentes: investimentos sociais internos, investimentos sociais externos e investimentos ambientais, importa elucidar que foram mensuradas a partir da soma dos itens constantes nos relatórios de sustentabilidade das empresas. Tais itens são representados pelos indicadores ambientais, sociais internos e sociais externos encontrados nos relatórios GRI e Balanço Social IBASE, utilizados.

Para se proceder a análise do comportamento médio dos investimentos socioambientais, quando relacionados aos indicadores de desempenho econômico-financeiro das empresas em estudo, foi considerada a equação [1]:

$$Y_t = \beta_1 + \beta_2 X_{t2} + \beta_3 X_{t3} + \dots + \beta_k X_{tk} + \varepsilon_t \quad (1)$$

Em que Y_t representa a variável dependente do estudo, ou seja, os investimentos socioambientais; $\beta_1, \beta_2, \beta_3$ e β_k são os parâmetros estimados, sendo β_1 , o coeficiente linear e os demais betas, os coeficientes de declividade das variáveis explicativas, enquanto X_{t2}, X_{t3} e X_{tk} são as variáveis independentes do modelo que representam os indicadores de desempenho econômico-financeiro; e, por fim, o ε_t é o termo de erro aleatório.

Os dados foram tabulados no *software Microsoft Excel*[®] e, posteriormente, importados para o *software Eviews*[®]9.0 para proceder com a análise de Regressão Linear Múltipla. Utilizou-se esta técnica, visto que, seu principal objetivo é criar um modelo matemático que explique e preveja o comportamento da variável dependente frente às mudanças das variáveis independentes (FÁVERO *et al.*, 2009). Desta forma, tornando possível identificar e analisar quais variáveis econômico-financeiras influenciam os investimentos socioambientais.

Com o intuito de definir quais variáveis explicativas fariam parte do modelo de regressão, investigou-se a existência de correlação forte entre as variáveis e de correlações fortes entre as variáveis independentes e as dependentes do estudo, através da Correlação de *Pearson*, visto que o teste de Normalidade revelou que os dados possuem uma distribuição normal (FÁVERO *et al.*, 2009). Tal procedimento foi adotado, considerando que há variáveis de mesma natureza no Quadro 1, como é o caso do ROE e ROA que denotam retorno sobre o patrimônio líquido e investimentos em ativos, respectivamente, pois ambas trabalham com o lucro líquido no seu cálculo e o caso das variáveis LS, LG e LC, que consideram componentes do ativo circulante. A partir da análise de Correlação foram selecionadas as variáveis que apresentaram correlação forte com o ISI, ISE e IA para fazer parte do modelo de regressão de cada variável dependente analisada.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos com a realização da pesquisa estão estruturados de forma a evidenciar a influência de variáveis representativas de desempenho econômico-financeiro sobre os investimentos sociais internos, externos e ambientais.

4.1 Investimentos Sociais Internos e Desempenho Econômico-Financeiro

Os investimentos sociais internos compreendem aqueles valores destinados ao público interno da organização (colaboradores) relativos à saúde, segurança, bem-estar, entre outros. Importante evidenciar que os investimentos sociais internos estão sendo considerados como variável de estudo, com o intuito de verificar quais indicadores econômico-financeiros estão sendo levados em consideração pelas empresas para realizar investimentos em ações sociais internas. As estimativas geradas e apresentadas na Tabela 1 apresentam a relação entre investimentos sociais internos (ISI) e desempenho econômico-financeiro.

Tabela 1 – Influência do desempenho econômico-financeiro sobre os investimentos sociais internos

Variáveis	Coefficientes	Desvio-Padrão	Teste t	P-valor
Constante (ISI)	+183,8560 ^{ns}	149,0079	1,233868	0,2272
QF	+0,009639***	0,002160	4,461716	0,0001
LL	+0,036910**	0,016206	2,277639	0,0303
RL/RL(-1)	-165,3884 ^{ns}	124,4120	-1,329361	0,1941
EG	-2,936195 ^{ns}	17,55628	-0,167245	0,8683
LG	+2,185339 ^{ns}	28,72058	0,076090	0,9399
ROA	-516,0761 ^{ns}	434,8067	-1,186909	0,2449
EBITDA	-0,021193 ^{ns}	0,013014	-1,628509	0,1142
R ²	0,466497	Média variável dependente		41,93461
R ² Ajustado	0,282531	S.D. variável dependente		96,69031
S.E. da regressão	81,90014	Akaike		11,87729
SQR	194521,4	Schwarz		12,34174
Probabilidade	-226,5459	Hannan-Quinn		12,04522
F	2,535772**	Durbin-Watson		0,450107
P-valor F	0,02465	N. observações		40

*** significativo a 1%; ** significativo a 5%; * significativo a 10%; ^{ns} não significativo.

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se na Tabela 1 que o coeficiente de determinação (R²) importou em 0,466497, demonstrando que, 46,64% do comportamento médio ocorrido na variável dependente: investimento social interno é explicado pelas variáveis explicativas do modelo.

Denota-se que neste primeiro modelo analisado, as variáveis, Quantidade de Funcionários (QF) e Lucro Líquido (LL) demonstraram-se relacionadas positivamente com os investimentos sociais internos e exercem influência em tais investimentos. Este resultado indica que nas empresas analisadas, quanto maior é o número de funcionários, maiores são os investimentos em benefício aos mesmos, ou seja, nota-se uma evidência de práticas de responsabilidade corporativa na área social interna. E ainda, quanto maior o lucro líquido, maiores são os investimentos sociais internos, indicando que as empresas estão levando em consideração o resultado líquido obtido no período, para realizar investimentos em prol de seus empregados como forma de recompensar os seus colaboradores pela utilização destes recursos humanos, visto que uma organização não produz e não se desenvolve sem esta fonte de capital humano e intelectual.

Por outro lado, as variáveis independentes relacionadas ao desempenho econômico-financeiro: receita líquida defasada (RL/RL(-1)), endividamento geral (EG), liquidez geral (LG), retorno sobre os ativos (ROA) e EBITDA, não apresentaram influência nos investimentos sociais internos, o que revela que tais resultados podem não ser os primordiais para a empresa desenvolver ações internas de responsabilidade social.

Diante destes resultados, a pesquisa desenvolvida por Oro *et al.* (2013) difere dos resultados encontrados nesta pesquisa, pois verificaram uma correlação positiva entre a receita líquida e os

investimentos na área socioambiental interna, já no presente estudo tal influência não foi significativa. Além desse estudo, a pesquisa realizada por Pletsch *et al.* (2015) também difere dos resultados desta pesquisa, pois revelaram que o desempenho econômico-financeiro (ROA e liquidez geral) influencia os benefícios sociais internos.

Denota-se que a RSC pode apresentar consequências financeiras diretas e indiretas para as partes interessadas, tais como, os funcionários, acionistas clientes e governo, com potencial para beneficiar a economia (GHADERI *et al.*, 2019), como no caso desta pesquisa, o Brasil como um todo.

4.2 Investimentos Sociais Externos e Desempenho Econômico-Financeiro

Os investimentos sociais externos são aqueles realizados por uma organização com a intenção de compensar a sociedade em geral por ter se apropriado de recursos comuns a todos, em decorrência do desenvolvimento de sua atividade econômica. A variável de estudo investimentos sociais externos foi considerada com o propósito de verificar quais indicadores econômico-financeiros estão sendo levados em consideração pelas empresas ao investir na área social externa. A Tabela 2 apresenta os resultados para a relação entre os ISE e desempenho econômico-financeiro.

Tabela 2 - Influência do desempenho econômico-financeiro sobre os investimentos sociais externos

Variáveis	Coefficientes	Desvio-Padrão	Teste t	P-valor
Constante (ISE)	-36,40121*	19,81310	-1,837229	0,0772
EG	+0,108251 ^{ns}	2,331776	0,046424	0,9633
LG	+1,162210 ^{ns}	4,819588	0,241143	0,8113
QF	-0,000637*	0,000325	-1,959969	0,0604
TAM	+0,001388**	0,000677	2,048956	0,0503
ISE(-1)	+0,871356***	0,16557	7,475788	0,0000
RL/RL(-1)	+36,44853**	16,53485	2,204347	0,0362
LL	+0,00912***	0,00257	3,550924	0,0014
EBITDA	-0,012615*	0,006325	-1,994455	0,0563
ROA	+0,884143 ^{ns}	93,30029	0,009476	0,9925
R ²	0,895724	Média variável dependente		18,51711
R ² Ajustado	0,849380	S.D. variável dependente		27,65239
S.E. da regressão	10,73185	Akaike		7,841266
SQR	3109,658	Schwarz		8,390151
Probabilidade	-143,8253	Hannan-Quinn		8,039725
F	19,32744***	Durbin-Watson		1,897255
P-valor F	0,000000	N. observações		40

*** significativo a 1%; ** significativo a 5%; * significativo a 10%; ^{ns} não significativo.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nos resultados evidenciados na Tabela 2, nota-se que o coeficiente de determinação (R²) resultou em 0,895724, demonstrando que aproximadamente 89,57% das variações ocorridas na variável dependente (investimento social externo), são explicadas pelas variáveis explicativas do modelo analisado.

No que tange as variáveis que explicam as empresas do Sul do Brasil destinarem recursos para benefícios sociais externos, constatou-se que a quantidade de funcionários (QF) relaciona-se negativamente com os investimentos sociais externos. Tal fato revela que empresas com menor quantidade de funcionários apresentam um menor investimento em ações voltadas para a sociedade.

O tamanho da empresa relacionou-se positivamente com os investimentos sociais externos, o que sugere que empresas com maior ativo total, tendem a investir mais em ações de responsabilidade social que beneficiam a sociedade. Os resultados encontrados por Crisóstomo *et al.* (2011), Mallin *et al.* (2014) e Pletsch *et al.* (2015) corroboram com os achados desta pesquisa, pois o tamanho da empresa também se relacionou positivamente com os investimentos sociais externos. De acordo com Crisóstomo *et al.* (2011) e Mallin *et al.* (2014) o tamanho da empresa pode influenciar a capacidade desta de realizar ações de RSC.

Empresas menores tendem a enfrentar menor capacidade de sustentar um comportamento mais ativo em relação as práticas de RSC, quando comparado as maiores empresas, que geralmente possuem uma infraestrutura melhor e comportam níveis mais elevados de fluxo de caixa, conforme constatado a partir dos resultados encontrados nesta pesquisa. Além disso, à medida que uma empresa se desenvolve, se torna mais visível e responsável com as demandas de diferentes partes interessadas (CRISÓSTOMO *et al.*, 2011). Para tanto, empresas maiores são mais suscetíveis de monitorar suas atividades em direção à sociedade em geral (MALLIN *et al.*, 2014).

Outra variável que se relacionou positivamente com os investimentos sociais externos foram os investimentos sociais externos efetuados em anos anteriores (ISE (-1)), o que denota que as empresas da amostra mantiveram continuidade nos investimentos em ações sociais externas no período estudado e o fato de terem investido em ações sociais em anos anteriores está sendo considerado na decisão de continuar investindo.

A variação da receita líquida defasada (RL/RL(-1)) apresentou-se também relacionada positivamente com os investimentos sociais externos. A importância desta variável para as empresas da amostra pode ser explicada pela sua essência, que indica a percepção de crescimento da organização e com base nessa ideia, há evidências que os investidores canalizem maiores investimentos na área social externa. Este resultado corrobora com os achados de Oro *et al.* (2013), pois também constataram uma correlação positiva entre a receita líquida e os ISE.

A variável lucro líquido (LL) também apresentou impactos positivos nos investimentos sociais externos, se constituindo um fator importante na determinação destes investimentos, visto que quanto maior o lucro do período, maiores tendem a ser os investimentos externos realizados pelas empresas. Segundo Forte (2013), os lucros a longo prazo incentivam o compromisso com atividades de RSC. As empresas vistas como socialmente responsáveis são mais seguras nos lucros a longo prazo (FORTE, 2013).

Quanto ao EBITDA, esta variável demonstrou-se negativamente relacionada com os ISE, o que revela que o valor que a empresa está gerando de caixa com base em suas atividades operacionais, desconsiderando os impactos financeiros e impostos, minimizam os investimentos em tais atividades sociais, sendo o lucro líquido do exercício fator preponderante para tais investimentos.

De modo geral, a influência entre desempenho econômico-financeiro e os investimentos sociais externos revelou que quanto maior é o tamanho da empresa, o lucro líquido e a variação da receita líquida defasada, maiores são os recursos investidos na área social externa. Além disso, a variável ISE(-1) indicou continuidade dos investimentos sociais externos ao longo dos períodos. Ressalta-se que a percepção de crescimento da organização indicada pelas variáveis, TAM, LL e variação da RL evidencia que os investidores canalizem maiores investimentos na área social externa.

Por outro lado, o endividamento geral (EG), a liquidez geral (LG) e o retorno sobre os ativos (ROA), não apresentaram relação com os investimentos sociais externos. Tais resultados contrariam os

achados de Pletsch *et al.* (2015) que indicaram uma relação diretamente proporcional entre ROA, EG e LG com o ISE. Estes resultados contradizem as expectativas da sociedade, pois conforme Forte (2013), este público exige que as empresas se comprometam com a RSC, pois esperam que as empresas busquem objetivos sociais além das ambições econômicas. A dedicação para com as práticas de RSC aprimora as relações com a comunidade e contribui para uma imagem pública favorável às empresas (FORTE, 2013).

4.3 Investimentos Ambientais e Desempenho Econômico-Financeiro

Os investimentos ambientais compreendem valores que a empresa despende em proteção ambiental com vistas a utilizar os recursos naturais de maneira eficiente, trabalhar com tecnologias limpas nas suas atividades e para realizar o tratamento dos resíduos gerados. A variável de investimentos ambientais é utilizada no estudo com o intuito de averiguar se os indicadores econômico-financeiros são considerados pelas empresas da amostra ao investirem em ações ambientais. A Tabela 3 apresenta os resultados desta relação.

Tabela 3– Influência do desempenho econômico-financeiro sobre os investimentos ambientais

Variáveis	Coefficientes	Desvio-Padrão	Teste t	P-valor
Constante (IA)	-52,09762*	30,17885	-1,726296	0,0953
EG	-0,600302 ^{ns}	3,544421	-0,169365	0,8667
LG	+3,194008 ^{ns}	5,371006	0,594676	0,5568
QF	-0,000262 ^{ns}	0,000457	-0,573283	0,5710
TAM	+0,000814*	0,000434	1,877247	0,0709
IA(-1)	+0,824159***	0,098609	8,357825	0,0000
RL/RL(-1)	+48,55441*	25,78619	1,882962	0,0701
LL	-0,009137**	0,003387	-2,697931	0,0117
ROA	-13,43093 ^{ns}	99,36858	-0,135163	0,8935
R ²	0,962029	Média variável dependente		35,69762
R ² Ajustado	0,947112	S.D. variável dependente		71,14953
S.E. da regressão	16,36247	Akaike		8,671183
SQR	7496,455	Schwarz		9,177847
Probabilidade	-161,4237	Hannan-Quinn		8,854377
F	0,000000	Durbin-Watson		2,440831
P-valor F	64,49209***	N. observações		40

*** significativo a 1%; ** significativo a 5%; * significativo a 10%; ^{ns} não significativo.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados da Tabela 3 revelam que o R² apresentou um valor de 0,962029, o que revela que as variáveis independentes (desempenho econômico-financeiro) explicam 96,20% a variação dos investimentos ambientais de empresas do Sul do Brasil. Os resultados indicaram que as variáveis tamanho, investimentos ambientais passados, receita líquida defasada e lucro líquido se relacionam com os investimentos ambientais analisados.

Com base nos resultados, pode-se inferir que o tamanho da empresa (TAM) se relaciona positivamente com os investimentos ambientais. Este resultado sugere que empresas maiores tendem a investir em RSC, no caso nas questões voltadas a preservação do meio ambiente. Evidências contrárias foram encontradas por Smith *et al.* (2007), visto que os autores constataram que o tamanho da empresa medido pelo ativo total não está relacionado com o nível de divulgação ambiental das empresas da

Malásia. Os achados de Crisóstomo *et al.* (2011) também se diferem, contudo, o tamanho se relacionou negativamente com os investimentos ambientais.

A variável de investimento em anos anteriores em ações ambientais (IA (-1)) é significativa e positiva, demonstrando que as organizações da amostra mantiveram continuidade nos investimentos em ações ambientais durante o período de estudo. O lucro líquido (LL) também foi significativo, porém se relacionou negativamente com os investimentos ambientais. Há que se considerar que os investimentos na área socioambiental diminuem o resultado e, portanto, maiores investimentos ambientais estariam determinando uma redução no lucro líquido. Além disso, as empresas passam a não investir em indicadores ambientais quando não apresentam lucro líquido no período.

A receita líquida defasada (RL/RL(-1)) também explica o comportamento médio dos investimentos na área ambiental, o que evidencia que as organizações em estudo consideram a receita líquida para concentrar maiores investimentos na área ambiental. A influência positiva entre RL e IA evidenciada neste estudo, não corrobora com o resultado encontrado por Oro *et al.* (2013) quando analisaram a relação entre a receita líquida e os indicadores ambientais de empresas do ISE da B3, pois evidenciaram que tais variáveis não apresentam correlação.

Já as variáveis de endividamento geral (EG), liquidez geral (LG), quantidade de funcionários (QF) e retorno sobre os ativos (ROA), não apresentaram relação com os investimentos ambientais. Resultados semelhantes foram os encontrados por Smith *et al.* (2007) para as variáveis de quantidade de funcionários, liquidez geral e endividamento. Por outro lado, os autores encontraram evidências de uma relação negativa e significativa entre os retornos sobre os ativos e os investimentos ambientais de empresas da Malásia.

Denota-se que nos três modelos analisados a variável de desempenho retorno sobre os ativos (ROA) não apresentou relação com as práticas de RSC internas, externas e ambientais. Este resultado pode ter ocorrido devido a métrica utilizada para o seu cálculo. Os resultados encontrados por Crisóstomo *et al.* (2011) revelaram uma relação negativa entre ROA e ROE e RSC interna, externa e ambiental. De acordo com os autores, este resultado pode ser uma indicação de uma preocupação ou impossibilidade baixa de as empresas gastarem fluxo de caixa em ação social. Já os achados de Mallin *et al.* (2014) revelaram que existe uma associação positiva entre as dimensões de desempenho financeiro (ROA e ROE) e a RSC, exceto a dimensão ambiental, o que sugere que, quanto melhor o desempenho financeiro, menor é a divulgação de atividades ambientais (MALLIN *et al.*, 2014).

Em uma análise global, constatou-se que quanto maior é o tamanho da empresa, ou seja, o seu ativo total, maiores são os investimentos na área ambiental nas empresas estudadas. Também se verificou uma continuidade dos investimentos ambientais, demonstrando que as organizações da amostra mantiveram os investimentos em ações ambientais durante o período de estudo, e a variável receita líquida defasada, indicou também uma continuidade nos investimentos ambientais à medida que aumentava no período analisado.

Diante do exposto, é possível constatar que os resultados contrariam, em parte, a hipótese defendida por este estudo, de que variáveis de desempenho econômico-financeiro (lucro líquido, receita líquida, ROA, ROE, tamanho da empresa, geração de caixa do exercício, liquidez geral, liquidez corrente, liquidez seca) e indicadores não financeiros (quantidade de funcionários) influenciam positivamente as organizações a realizarem investimentos nas áreas social e ambiental e que a variável representativa do endividamento geral influencie negativamente os investimentos socioambientais. Contudo, assim como no estudo desenvolvido por Kaveski *et al.* (2014), dentre outros apresentados na discussão dos

resultados, houve uma relação entre o aspecto econômico-financeiro e o socioambiental nas empresas analisadas e que empresas com melhor desempenho econômico-financeiro também possuem melhor desempenho socioambiental, por consequência, quanto maior o desempenho econômico-financeiro, maior será o investimento socioambiental.

Com base nos resultados encontrados, nota-se que a RSC é um conceito com crescente importância para as empresas e seus *stakeholders*, pois as dimensões ambiental e social podem contribuir para o desempenho econômico das organizações (SILA; CEK, 2017). Os resultados encontrados têm implicações importantes para os gestores, pois sugerem que estes devem direcionar esforços em relação as práticas ambientais e sociais com vistas a melhorar o desempenho econômico-financeiro da empresa. O desenvolvimento de atividades de RSC pode criar vantagens competitivas, legitimidade e reputação para as empresas (MAQBOOL; ZAMEER, 2018). Além disso, esta pesquisa fornece uma compreensão de quais medidas de desempenho apresentam efeitos na RSC de empresas brasileiras da região Sul, podendo os gestores considerarem tais indicadores para fortalecer os investimentos socioambientais.

Portanto, uma RSC ideal para as partes interessadas na empresa, faz com que estas sintam-se satisfeitas e minimiza os custos que melhoram o desempenho econômico-financeiro. Empregados satisfeitos recompensam a empresa por meio de ganhos de produtividade e custos reduzidos de emprego e treinamento. Clientes satisfeitos aprimoram as negociações. Investidores satisfeitos emprestam capital a taxas mais acessíveis. Sociedade satisfeita diminui o custo de publicidade, entre outros benefícios para as empresas que investem por meio dos resultados do seu desempenho em atividades de RSC (MAQBOOL; ZAMEER, 2018).

Diante do exposto, conclui-se que quanto maior for o desempenho econômico-financeiro das empresas, conseqüentemente maiores serão os investimentos destinados ao público interno, externo e nas questões ambientais. Conforme Pletsch *et al.* (2015), a motivação relacionada aos benefícios concedidos ao público interno, contribui para um melhor desempenho. Contudo, os investimentos internos e externos demonstram a preocupação da empresa com a sociedade e esta, percebendo tais ações, possui a tendência de retribuir com a empresa, o que refletirá no seu desempenho econômico-financeiro (PLETSCH *et al.*, 2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou analisar se o desempenho econômico-financeiro influencia os investimentos socioambientais realizados pelas empresas do Sul do Brasil. Os resultados demonstraram que, as variáveis que apresentaram significância para os investimentos sociais internos foram: a quantidade de funcionários e o lucro líquido; para os investimentos sociais externos: lucro líquido, tamanho da empresa, EBITDA, quantidade de funcionários, receita líquida defasada, investimentos sociais externos defasados; e para os investimentos ambientais: o tamanho da empresa, investimentos ambientais defasados, lucro líquido, e a variação da receita líquida defasada. É possível observar que apenas as variáveis de desempenho econômico-financeiro, consideradas tradicionais (receita líquida, lucro líquido e tamanho) foram significativas, fornecendo evidências de que tais variáveis que denotam a possibilidade de crescimento são observadas pelos investidores ao decidirem investir na área socioambiental.

Consoante com o esperado, a variável quantidade de funcionários (QF) foi significativa ao analisar os investimentos sociais internos, demonstrando que o aumento no número de funcionários acarreta aumento nestes investimentos, sendo os funcionários o público-alvo desse tipo de investimento. Outro ponto a se ressaltar é a não significância da variável endividamento geral (EG) para nenhum dos

tipos de investimentos em RSC analisados, pois esperava-se que o endividamento geral influenciasse negativamente tais investimentos. Estes resultados revelam que as maiores empresas da região Sul do Brasil listadas na B3, a partir de seus resultados econômico-financeiros, investem em questões socioambientais, contribuindo para com os resultados da empresa, gerando também benefícios para a sociedade e o meio ambiente.

Nesse sentido, para os gestores, a RSC é uma decisão de investimento que deve ser levada em consideração no processo orçamentário da empresa, sendo uma decisão estratégica adotar práticas de RSC. Tais práticas também devem ser mais bem divulgadas para que a imagem da empresa possa ganhar com isso no médio e longo prazo (CRISÓSTOMO *et al.*, 2011). Os efeitos positivos do desempenho econômico-financeiro na RSC pode ser consequência de um longo processo de ações sociais desenvolvidas pelas empresas. Assim, nas economias emergentes como é o caso do Brasil, talvez esse processo possa ainda ser longo, visto que as empresas são mais propensas a enfrentar dificuldades e limitações financeiras (CRISÓSTOMO *et al.*, 2011), fatos estes que justificam os resultados da pesquisa.

Desse modo, o presente estudo contribui para a literatura da área ao evidenciar as variáveis econômico-financeiras que influenciam nos investimentos socioambientais das empresas listadas no *ranking* das 500 Maiores do Sul, publicado pela Revista Amanhã, e listadas na B3, no período de 2014 a 2017. Nesse sentido, corroborando com alguns resultados de estudos anteriores e trazendo evidências de que as variáveis representativas de desempenho econômico-financeiro, de caráter tradicional como Receita Líquida, Lucro Líquido e Tamanho da Empresa, são importantes para determinar investimentos socioambientais nas empresas.

Os resultados deste estudo também permitem contribuir para o meio empresarial. As empresas pertencentes ao *ranking* e aquelas que não participam, podem valer-se deles para direcionar seus investimentos, observando aquelas variáveis que demonstraram influência sobre os investimentos socioambientais. No que tange à sociedade em geral, é possível observar que as empresas deste estudo vêm incluindo em sua gestão aspectos que atuam como compensadores da utilização de recursos naturais e demais recursos, inclusive os recursos humanos, pertencentes a humanidade para a consecução de suas atividades.

Quanto às limitações, utilizou-se um número reduzido de empresas devido à falta de divulgação de relatórios de sustentabilidade por parte das organizações selecionadas. Outro limitador foram os relatórios pouco detalhados, e sem uma padronização na evidenciação das informações, dificultando a localização e a coleta dos dados socioambientais. Outra limitação é o fato de se restringir ao mercado brasileiro de empresas de capital aberto listadas na B3.

Futuras pesquisas abordando a temática são importantes. Sugere-se que a mesma seja replicada em empresas localizadas em outras regiões do Brasil, de forma a se utilizar outras empresas como população, aumentando a amostra de empresas, ou utilizando-se de outras variáveis explicativas (*Q* de *Tobin*, lucro por ação). Além disso, pode-se replicar o estudo com empresas pertencentes ao Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE). Outra sugestão seria fazer um *ranking* econômico-financeiro e *ranking* socioambiental comparativo das empresas que investem na área socioambiental da região Sul do Brasil e outras regiões.

Recomenda-se também o desenvolvimento de um estudo com a análise dos relatórios de sustentabilidade divulgados pelas empresas e a prática empresarial, com vistas a compreender como as empresas estão divulgando tais informações e como estas tornam-se um diferencial competitivo. Tais investigações tornariam o entendimento mais aprofundado da relação entre o desempenho econômico-financeiro e as atividades de RSC.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **Estrutura e análise de balanços**: um enfoque econômico-financeiro. 11.ed. São Paulo: Atlas, 2015.

AZEVEDO, Juliana Birkan; VON ENDE, Marta; WITTMANN, Milton Luiz. Responsabilidade social e a imagem corporativa: o caso de uma empresa de marca global. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, SC, v.9, n.1, p. 95-117, 2016.

BARBIERI, José C.; CAJAZEIRA, JORGE EMANUEL REIS. **Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável**: da teoria à prática. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

BEURDEN, Pieter Van; GÖSSLING, Tobias. The worth of values—a literature review on the relation between corporate social and financial performance. **Journal of business ethics**, v.82, n.2, p. 407, 2008.

BLASI, Silvia; CAPORIN, Massimiliano; FONTINI, Fulvio. A multidimensional analysis of the relationship between corporate social responsibility and firms' economic performance. **Ecological Economics**, v. 147, p. 218-229, 2018.

BORTOLUZZI, Sandro César *et al.* Avaliação de desempenho econômico-financeiro: uma proposta de integração de indicadores contábeis tradicionais por meio da metodologia multicritério de apoio à decisão construtivista (MCDA-C). **Revista Alcance**, Biguaçu, SC, v. 18, n. 2, p. 200-218, 2011.

BRAGA, Célia *et al.* Fatores determinantes do nível de divulgação ambiental no setor de energia elétrica no Brasil. **Advances in Scientific and Applied Accounting**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 230-262, 2011.

BRASIL, bolsa, balcão – B3. **Perfil e Histórico**: relação com investidores. São Paulo: B3, 2018. Disponível em: <<http://ri.bmfbovespa.com.br/static/ptb/perfil-historico.asp?idioma=ptb>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

CAMPOS, Simone Alves Pacheco de *et al.* Práticas de responsabilidade social corporativa e gestão de pessoas no contexto brasileiro: uma análise das empresas modelo em sustentabilidade e melhores para trabalhar. **ReA UFSM**, Santa Maria, RS, v. 8, n. 2, p. 184-201, 2015.

CASSOL, Alessandra; CINTRA, Renato Fabiano; DA LUZ, Josiane. A responsabilidade social corporativa e as práticas de gestão do capital intelectual divulgadas por empresas do setor de papel e celulose. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 74-86, 2017.

CHEN, Tao; DONG, Hui; LIN, Chen. Institutional shareholders and corporate social responsibility. **Journal of Financial Economics**, v. 135, n.2, p. 483-504, 2020.

CRISÓSTOMO, Vicente Lima; DE SOUZA FREIRE, Fátima; DE VASCONCELLOS, Felipe Cortes. Corporate social responsibility, firm value and financial performance in Brazil. **Social Responsibility Journal**, 2011.

DIAS, Reinaldo. **Responsabilidade social: fundamentos e gestão**. São Paulo: Atlas, 2012.

FÁVERO, L. P. L., BELFIORE, P. P., SILVA, F. L. D.; CHAN, B. L. **Análise de dados: multivariada para a tomada de decisões**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FORTE, Almerinda. Corporate social responsibility in the United States and Europe: How important is it? The future of corporate social responsibility. **International Business & Economics Research Journal (IBER)**, v. 12, n. 7, p. 815-824, 2013.

FREGUETE, Lilian Marques *et al.* Corporate social responsibility and Brazilian firms' financial performance. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, Maringá, PR, v. 19, n. 2, p. 232-248, 2015.

FREZATTI, F., ROCHA, W., NASCIMENTO, A. R. D., JUNQUEIRA, E. **Controle gerencial: uma abordagem da contabilidade gerencial no contexto econômico, comportamental e sociológico**. São Paulo: Atlas, 2009.

GHADERI, Zahed *et al.* Corporate social responsibility and hotel performance: A view from Tehran, Iran. **Tourism Management Perspectives**, v. 29, p. 41-47, 2019.

HERNÁNDEZ, Juan Pablo Sánchez-Infante; YAÑEZ-ARAQUE, Benito; MORENO-GARCÍA, Juan. Moderating effect of firm size on the influence of corporate social responsibility in the economic performance of micro-, small-and medium-sized enterprises. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 151, p. 119774, 2020.

KAVESKI, Itzhak David Simão; MARTINS, José Augusto Sousa; HEIN, Nelson. A relação entre os rankings formados pelos indicadores socioambientais e os econômico-financeiros das empresas distribuidoras de energia elétrica. **Revista de Contabilidade da UFBA**, Salvador, BA, v. 7, n. 3, p. 59-73, 2013.

LIN, Woon Leong *et al.* The causality direction of the corporate social responsibility–Corporate financial performance Nexus: Application of Panel Vector Autoregression approach. **The North American Journal of Economics and Finance**, v. 48, p. 401-418, 2019.

MALLIN, Christine; FARAG, Hisham; OW-YONG, Kean. Corporate social responsibility and financial performance in Islamic banks. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 103, p. S21-S38, 2014.

MAQBOOL, Shafat; ZAMEER, M. Nasir. Corporate social responsibility and financial performance: An empirical analysis of Indian banks. **Future Business Journal**, v. 4, n. 1, p. 84-93, 2018.

MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços**: abordagem gerencial. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ORO, Ieda Margarete; RENNER, Sirlei; BRAUN, Marli. Informações de natureza socioambiental: análise dos balanços sociais das empresas integrantes do índice de sustentabilidade empresarial da BM&FBovespa. **ReA UFSM**, Santa Maria, RS, v. 6, p. 879-893, 2013.

ORLITZKY, M.; SCHMIDT, F. L.; RYNES, S. L. Corporate social and environmental responsibility: a meta-analysis. **Organizational Studies**, v.24, n. 3, p. 403-441, 2003.

PLETSCH, C. S., SILVA, A. DA.; HEIN, N. Responsabilidade social e desempenho econômico-financeiro das empresas listadas no índice de sustentabilidade empresarial - ISE. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, Recife, PE, v.9, n.2, p.53-69, 2015.

REVISTA AMANHÃ. **500 Maiores do Sul**. Porto Alegre: Grupo Amanhã, 2018. Disponível em: <<http://www.amanha.com.br/500maiores/>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

SILA, Ismail; CEK, Kemal. The impact of environmental, social and governance dimensions of corporate social responsibility on economic performance: Australian evidence. **Procedia computer science**, v. 120, p.797-804, 2017.

SMITH, Malcolm; YAHYA, Khadijah; AMIRUDDIN, Ahmad Marzuki. Environmental disclosure and performance reporting in Malaysia. **Asian Review of Accounting**, Reino Unido, v.15, n.2, p.185-199, 2007.

VASCONCELOS, Gabriela de; PIMENTEL, Márcio Sampaio. Análise Do Disclosure Dos Custos E Investimentos Ambientais Das Empresas Potencialmente Poluidoras Que Compõem O Índice De Sustentabilidade Empresarial Da Bovespa. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 210-229, 2018.

VELLANI, C. L. **Contabilidade e responsabilidade social**: integrando desempenho econômico, social e ecológico. São Paulo: Atlas, 2011.

VOGT, Mara *et al.* Relationship between determinant factors of disclosure of information on environmental impacts of Brazilian companies. **Estudios Gerenciales**, Colombia, v. 33, n. 142, p. 24-38, 2017.

Dados dos autores:

Camila Peripolli Sanfelice

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4814-309X>

Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: camilasanfelice1996@gmail.com.

Milena Silva de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0118-5583>

Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: smmilena.s@gmail.com.

Marivane Vestena Rossato

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4446-6155>

Doutora em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora Associada do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: marivavest@gmail.com.

Larissa Degenhart

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0651-8540>

Doutora em Ciências Contábeis e Administração pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Professora Adjunta do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: lari_ipo@hotmail.com.